

Número de teens no Exterior bate recorde

Agências especializadas registram aumento de 70 a 100% na procura de adolescentes de classe média por cursos de 2º grau nos Estados Unidos; 30 mil estudantes já embarcaram este ano

CLÁUDIA FONTOURA

Malas, sacolas, bichinhos de pelúcia, travesseiros ou qualquer coisa que lembre o cheiro de casa para a hora em que a saudade bater. É cada vez maior o número de adolescentes que, nos meses de janeiro e agosto, embarcam na aventura de cursar o 2º grau nos Estados Unidos.

Este ano o número foi recorde. As agências especializadas embarcaram 30 mil estudantes, 25% deles por meio de intercâmbios culturais. Segundo Osvaldo Tavares, presidente da Brazilian Educational and Language Travel Association (Belta) — que reúne 20 das mais importantes agências especializadas — e representante da International Exchange Services (IES), a procura pelo serviço cresceu 30% em relação ao ano passado.

“Os pais estão cada vez mais conscientes da importância da língua inglesa para o desenvolvimento profissional do jovem”, afirma. O IES é uma empresa que faz parte do grupo Yázig, com escolas de inglês em todo o Brasil.

Para Christina Bicalho, diretora de marketing da Student Travel Bureau (STB), o outro fator para o crescimento é financeiro. “O intercâmbio está mais acessível às classes B e C”, afirma. Segundo ela, alguns pais fizeram a conta na ponta do lápis e concluíram que é mais barato manter o filho estudando no Exterior do que nas escolas brasileiras.

No ano passado, a STB levou aproximadamente 450 alunos para estudar nos Estados Unidos. Este ano, a empresa espera que o número cresça cerca de 70%. “A expectativa é que tenhamos pelo menos 800 em

escolas americanas”, afirma.

Segundo informações da Experimento, a procura pelos programas de intercâmbio dobrou em relação ao ano passado. Ontem, a agência enviou 210 estudantes para os Estados Unidos, que está em primeiro lugar na preferência dos estudantes.

Os programas incluem o curso em uma escola pública (correspondente ao que o estudante estaria cursando no Brasil), material didático, hospedagem em casa de família, transporte e alimentação. Compras e atividades fora da escola não estão incluídas.

Na quarta-feira, mais um grupo de intercambistas passou por uma série de reuniões na sede da IES antes de embarcar para os Estados Unidos. Mesmo com todas as informações necessárias para se virar longe de casa, 20 jovens com idades entre 15 e 17 anos, demonstravam muita ansiedade.

PROGRAMAS
INCLUEM
CURSO,
HOSPEDAGEM,
TRANSPORTE,
ALIMENTAÇÃO
E MATERIAL

inesquecível. Ela vai passar um ano em Anchorage, no gelado estado do Alaska. “Minha mãe quase não me deixou vir quando soube que iria para o Alaska”, conta. Antes de concordar com a viagem, a família colheu o máximo de informações. “Apesar do frio, é uma grande cidade, onde as pessoas tem bom poder aquisitivo e não há muita influência latina, o que favorece o aprendizado do inglês”, informa. Carolina acredita que a vivência em um outro país vai lhe ensinar mais que um outro idioma. “Acho que vou amadurecer e conhecer muita coisa nova.”

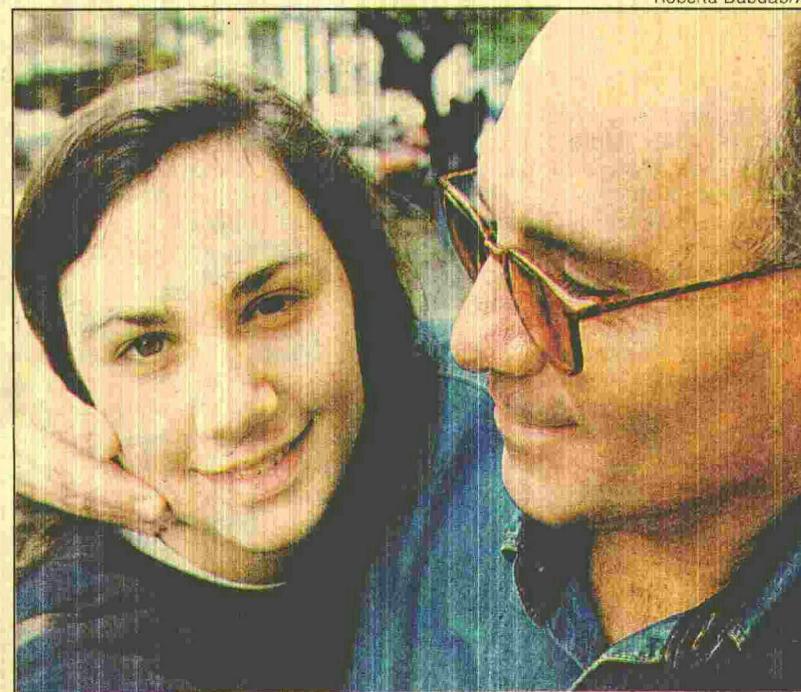
Cristiano Ottaviano, de 16 anos, embarcou no mesmo dia que Carolina, mas em outra direção. “Vou pas-



Estudantes da IES: bichos de pelúcia e travesseiros na bagagem para matar as saudades de casa

sar seis meses estudando no Arizona”, conta. Com o ar de quem sabe tudo próprio dos adolescentes, Ottaviano já viajou duas vezes para os Estados Unidos, em férias. Ele vai ficar hospedado na casa de um casal com dois filhos. “Acho que vou me adaptar bem, porque me considero uma pessoa fácil”, diz. Para ele, a adaptação depende do intercambista. “Tenho de esquecer a vida que levo no Brasil e entrar no ritmo da família que vai me receber.”

Rafaela Szpogamicz, de 16 anos, acompanhada de um inseparável gato de pelúcia e um travesseiro, foi passar um ano na Califórnia com todos os sonhos a que uma adolescente tem direito. Ela que aprimorar o inglês para poder cursar a universidade na Austrália no ano que vem, quando os pais devem se mudar para lá. Além disso, faz questão de conhecer Hollywood. “Vou estudar artes cênicas e me tornar atriz”, planeja.



Letícia, de 15 anos, com o pai, Luiz Carlos: dez meses em Michigan

Roberto Setton/AE

Roberta Dabdab/AE